

## **COISA DE OCÓ E COISA DE MONA: QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO TERREIRO**

**Adelson Cezar Ataíde Costa Junior**

Doutorando em Educação - Membro do Grupo de Pesquisa Kékeré

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Email: [belemataide@gmail.com](mailto:belemataide@gmail.com)

Orientadora: Maristela Gomes de Souza Guedes

Coordenadora do Grupo de Pesquisa Kékeré

Professora do PROPED-UERJ

Email: [stelauerj@gmail.com](mailto:stelauerj@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

As questões sociais envolvendo gênero e sexualidade encontram-se hoje na pauta do dia da sociedade brasileira. O debate sobre essas categorias se dá em variados ambientes, da Academia à escola, passando pelos lares, praças públicas, mesas de bares e, é claro, nos terreiros.

Ao contrário do que é defendido por alguns setores conservadores da sociedade brasileira, é determinante que se faça discussões sobre essas temáticas. Contrariando os que afirmam ser este um tópico menos importante do que pobreza, miséria, racismo, fome ou aniquilação nuclear iminente, é crucial que se toque nesses pontos exatamente porque é em momentos de medo e crise tais como os que estamos vivenciando que as pessoas tendem a ficar descontroladas, e porque não dizer, loucas, quanto às visões sobre sexualidade e gênero. Como afirma Rubin (2003, p. 1),

Conflitos contemporâneos sobre valores sexuais e condutas eróticas têm muito em comum com disputas religiosas de séculos anteriores. Eles passam a ter um imenso peso simbólico. Disputas sobre o comportamento sexual muitas vezes se tornam o veículo para deslocar ansiedades sociais, e descarregar a concomitante intensidade emocional. Conseqüentemente, a sexualidade deveria ser tratada com especial atenção em tempos de grande estresse social.

Tendo então essa situação como ponto de partida, é importante ter em mente que existem diferentes concepções sobre cada uma delas, e essa pluralidade de entendimentos em um contexto de existência de posturas autoritárias e conservadoras tende a gerar situações de discriminação, segregação e ódio.

A ideia de identidade de gênero é aqui tratada a partir das mobilizações e lutas históricas dos movimentos LGBTIQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Intergêneros e Queers), que compreendem a questão como

uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (YOGYAKARTA, 2006, p. 7)

Logo, o gênero está diretamente ligado à sexualidade, entendendo que ambos foram e continuam a ser construídos histórica e culturalmente ao longo do tempo, estando inseridos em contextos socioculturais próprios, em que existem normas e regras comportamentais, mas que nem por isso devem ser encarados como possuindo um único padrão possível e recomendável. É necessário então

distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (Manual de Comunicação LGBT, 2010, p. 9)

A ideia é que essa identidade de gênero se amplie, e desdobre-se para muito além do rótulo de ser homem/mulher, e que se desvincule da necessidade de correspondência com o sexo biológico ou de nascimento. Como aponta Eni Samara (2000, p.13),

Pensar em Gênero e Identidade conjuntamente significa discutir um tema que, em função da sua complexidade, exige o entendimento em vários níveis de reflexão e análise. Isso se deve, primeiramente, ao fato de estarmos elaborando as relações entre os sexos, na sua perspectiva cultural.

E é exatamente essa perspectiva cultural que influencia e amarra essas relações de gênero e sexualidade que me interessa pesquisar nesse projeto. A ideia é buscar identificar como essas relações entre sexo biológico (masculino feminino), identidade de gênero (homem cis ou trans, mulher cis ou trans, intergênero, dentre outros<sup>1</sup>) e sexualidade (heterossexual, bissexual, homossexual, assexuado, entre outros) são tratadas dentro de uma religião em que a presença dessa diversidade é anunciada de maneira mais clara: o Candomblé.

## **COMO FAZER: IMERSÃO EM CAMPO**

O interesse pelo referido tema surgiu da observação das vivências com os membros e visitantes do Templo da Religião Africana Ilê Asè Iyá Ogunté, casa de Candomblé localizado no Conjunto Julia Seffer, no município de Ananindeua, estado do Pará. Visitei essa casa por cinco anos

---

<sup>1</sup> Cis é a abreviatura de cispênero, o termo utilizado para definir quando há adequação entre o gênero da pessoa e o seu sexo biológico. Trans é o termo utilizado quando a pessoa possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento, e ela pode manifestar o desejo de intervenções medico-cirúrgicas para adequar seu corpo físico à sua identidade de gênero constituída. Intergênero é o termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino. É o que por muito tempo se chamou hermafroditas.

ininterruptos, participando das celebrações ao longo do ano enquanto acompanhava familiares. Tive, então, a oportunidade de presenciar tanto momentos de convivência com grande número de pessoas quanto situações bastante íntimas da casa, em que apenas os membros mais próximos se achavam presentes. Desenvolvi um projeto de pesquisa de dissertação de Mestrado nesta casa em que o foco eram as práticas educativas existentes e mediadas pela mãe de santo da casa, Iyá Ejité, chamada também Mãe Rita.

Ao investigar sobre os agentes dessas práticas educativas, sobre como e quem as realizam, percebi que há pessoas habilitadas a realizar determinadas práticas e outras para as quais a realização das mesmas práticas é desaconselhável ou mesmo proibida. Dessa forma, constatei a existência de critérios organizativos para a realização das práticas que se configuram como educativas dentro do terreiro. Os principais critérios que identifiquei foram: quanto a iniciação, relação mediúnica, sexo e tempo de ordenação.

A ideia de que o sexo (aqui entendido como masculino/feminino) era um fator de determinação dos cargos me chamou bastante a atenção. Uma vez que os cargos e funções atribuídos aos filhos e filhas de santo no terreiro encaminham também quais serão as suas aprendizagens, se o sexo biológico aparece como um critério, como isso se coaduna ou entra em conflito com a sexualidade e/ou identidade de gênero da filha ou filho de santo da casa? Como isso interfere ou influencia nas vivências educativas que essa pessoa experiencia na comunidade do terreiro? Há uma clara determinação por parte das lideranças dos terreiros em seguir sempre o sexo biológico para definir a vida de seus filhos e filhas na religião ou a questão não é tocada na casa? O que prevalece na definição das práticas oportunizadas ou negadas às filhas e filhos de santo: a vontade do babalorixá ou Iyalorixá ou o que os orixás ou caboclos determinam? As vozes e anseios das filhas e filhos de santo são levadas em conta ou não nesse processo?

A ideia desse projeto é refletir sobre essas questões como problema de pesquisa. Digo isso porque, tanto como é necessário que se tenha a compreensão de que as hierarquias em determinados terreiros não são apenas organizativas, abrindo espaço para enxergar até que ponto são machistas, opressivas e servem para o mais velho humilhar o mais novo, é de suma importância também que este projeto e seus resultados não se somem aos obscurantistas que discriminam o Candomblé com suas visões reducionistas e preconceituosas.

Dessa forma, proponho neste projeto de pesquisa uma investigação sobre a interação entre as práticas educativas e as compreensões sobre sexualidade e identidade de gênero presentes ou não

nas casas de Candomblé, tendo como foco as vivências das filhas e filhos de santo nas referidas casas, como elas e eles se sentem perante essas questões a partir dos diferentes direcionamentos que possam ser encaminhados pelas lideranças religiosas desses terreiros, levando em conta até onde a tradição ancestral é mantida ou resignificada pela comunidade no que diz respeito às funções dentro da hierarquia da casa de santo.

## **RESULTADOS PRELIMINARES**

Os resultados preliminares da pesquisa apontam para um ponto de tensão entre dois modos distintos de se encarar o *modus operandi* das religiões de matriz africana:

Um grupo, composto por babalorixá, iyalorixás e outras autoridades, que se atém aos mecanismo mais tradicionais da religião e sustentam a tese de que a percepção de sexualidade e gênero mais inclusiva presente na sociedade brasileira hoje é uma deturpação dos princípios e tradições do Candomblé e Umbanda, e não devem ser incorporadas à organização das casas e terreiros.

Um outro grupo, formado também por babalorixás, iyalorixás e outras autoridades, que sustenta a ideia de que as religiões de matriz africana não podem concordar com a segregação social pela qual passam os membros da comunidade LGBTIQ+ e não devem reproduzi-la nos terreiros, que devem ser então um local de inclusão, inclusive no que diz respeito à gênero e sexualidade.

O jogo de búzios aparece como fator de resolução para os membros do segundo grupo. Não se percebe uma diferença de geração/idade como fator explicativo entre as diferenças de opinião e postura entre os dois grupos.

## **5 - REFERÊNCIAS**

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: Rito Nagô**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINS, Ferdinando; ROMÃO, Lilian; LINDNER, Liandro; REIS, Toni (Orgs). Manual de comunicação LGBT. BRASIL: ABGLT, 2010.

RUBIN, Gayle. *“Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade”*. In: **Cadernos Pagu**, nº. 21, 2003. pp. 01-88.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo. Editora Autêntica, 2000. p. 13.

SILVA, Eliana Moura da. **Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania**. In: Revista de Estudos da Religião. Nº 2/2014, pp.1-14.